

CHINA: SEGURANÇA ALIMENTAR E CRESCIMENTO DA DEMANDA POR ALIMENTOS

Importância estratégica do planejamento agrícola e alimentar na China, estimativas de demanda e o papel do Brasil.

[Pâmela Borges¹](#)

[Leandro Gilio²](#)

A população total da China corresponde hoje há cerca de 20% do total da população mundial. Atualmente, a taxa de crescimento populacional chinesa vem se reduzindo, mas os níveis de renda per capita e urbanização do país seguem crescendo, o que pressiona a demanda daquele país por alimentos. Ao mesmo tempo, o gigante asiático concentra apenas 8% das terras aráveis e 5% da água do planeta, de acordo com os dados do *National Bureau of Statistics* da China, fatores que limitam substancialmente a produção agrícola interna e levam o país a uma situação de interdependência na área alimentar.

A política de segurança alimentar é tão estratégica para a China que faz parte de sua Política Nacional de Segurança. O país e o Partido Comunista Chinês (PCCh) tratam a segurança alimentar como um dos pilares da estabilidade política nacional. Em 1996 foi definida a chamada Política de Autossuficiência Alimentar, que surgiu em resposta aos desafios crescentes que o setor agrícola enfrentava. Estes desafios incluíam o grande movimento de êxodo rural (e a consequente redução da mão-de-obra no campo), a escassez de fatores de produção (terras agricultáveis e água) e a necessidade de assegurar alimentos para uma população urbano-industrial que crescia em meio a grandes reformas e acelerado crescimento econômico.

A Política de Autossuficiência Alimentar chinesa envolve alguns aspectos-chave, como:

1. *Ênfase na produção de culturas básicas*: prioridade à produção de arroz, trigo e milho, que são a base da dieta chinesa;
2. *Investimento em infraestrutura agrícola*: desenvolvimento de sistemas de irrigação, construção de estradas rurais e uma política de manutenção e melhoria das redes de armazenamento e distribuição (especialmente, de grãos);¹

¹ Pesquisadora do Insper Agro Global

² Pesquisador e professor do Insper Agro Global

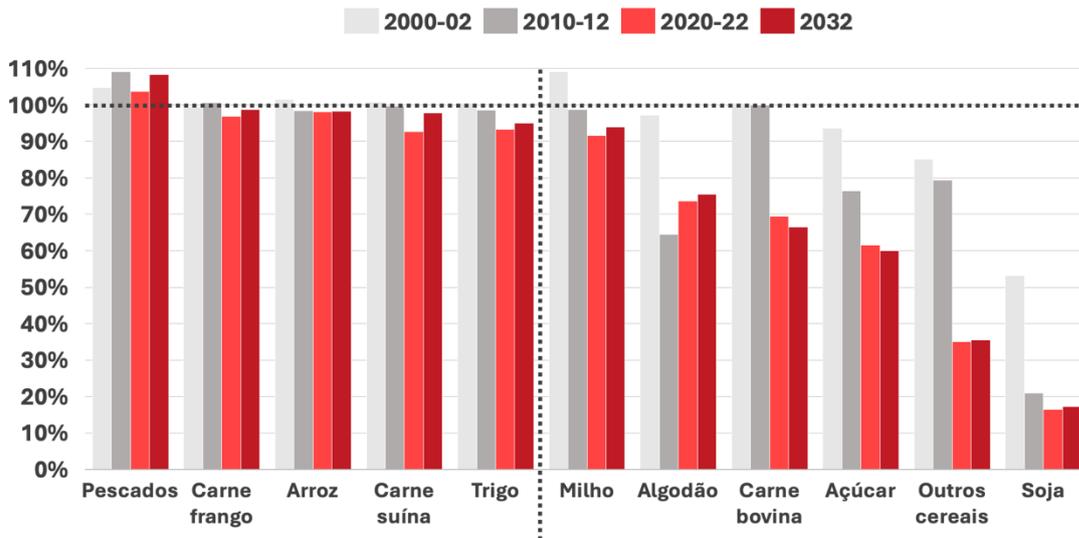
3. *Reforma agrária e proteção de terras agricultáveis*: implementação de políticas que visavam proteger a conversão de terras agricultáveis para outros fins que não a produção de alimentos;
4. *Investimento em tecnologia e inovação*: promoção de utilização de variedades de culturas de alto rendimento, mecanização da produção, técnicas agrícolas de precisão e melhores práticas de gestão do solo e da água;
5. *Apoio ao agricultor*: foram introduzidos mecanismos de apoio como subsídios para compra de sementes, fertilizantes e maquinários, bem como políticas de preço-mínimo e intervenção governamental para estabilizar preços e rendimentos;
6. *Diversificação e Especialização*: o plano também incentivou o cultivo de culturas comerciais como frutas, vegetais e produtos pecuários para satisfazer as mudanças nas preferências alimentares e aumentar os rendimentos rurais.
7. *Autossuficiência*: 95% de todos os grãos consumidos no país deveriam ser produzidos internamente.

Adicionalmente, desde a última década, o país adotou um sistema de estoques nacionais de alimentos para alguns produtos considerados essenciais: milho, arroz, trigo e carne de porco. Esse sistema nacional de estoques, além de ajudar no equilíbrio entre oferta e demanda e na distribuição dos produtos, também ajuda a controlar o preço interno desses itens, na medida em que o governo atua como comprador ou vendedor residual quando acredita que o preço desses produtos no mercado doméstico está fora de uma faixa de preços que considera adequada.

Ao se avaliar os dados de produção e consumo, pode-se considerar que a Política de Autossuficiência Alimentar chinesa tem sido, de certa forma, bem-sucedida². Segundo a OCDE-FAO, 80% de todos os alimentos que são consumidos naquele país são produzidos internamente (Figura 1), um número considerável se levarmos em conta a grande população doméstica e as limitações do país na disponibilidade de fatores de produção. Para alguns alimentos específicos, a autossuficiência se aproxima de 100% (Figura 1). Estrategicamente, no entanto, são eleitos pelo poder central chinês os produtos que serão mais ou menos importados, de acordo com o interesse estratégico do país. Dentre os produtos que têm prioridade na autossuficiência de produção temos as carnes de frango e de porco e os grãos de trigo e de arroz. Já dentre os alimentos que o país flexibilizou a regra de autossuficiência e tem permitido a dependência externa e um maior volume de importações estão a soja e o açúcar.

² Em 2019, o Gabinete de Informação do Conselho de Estado da China publicou uma avaliação do cumprimento da Política de Autossuficiência, detalhando sua implementação e revendo o plano original. O material pode ser encontrado aqui: http://www.scio.gov.cn/zfbps/ndhf/2019n/202207/t20220704_130642.html

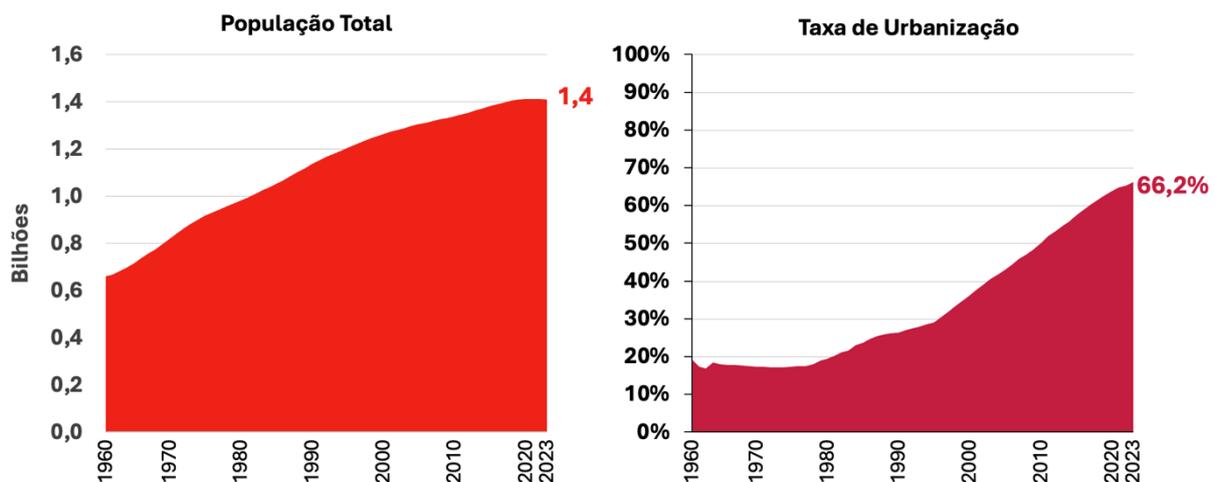
Figura 1. A autossuficiência alimentar da China (relação entre a produção e o consumo total em produtos seleccionados, entre 2000 e 2032)



Fonte: Insper Agro Global com base nos dados da OCDE FAO (2023).

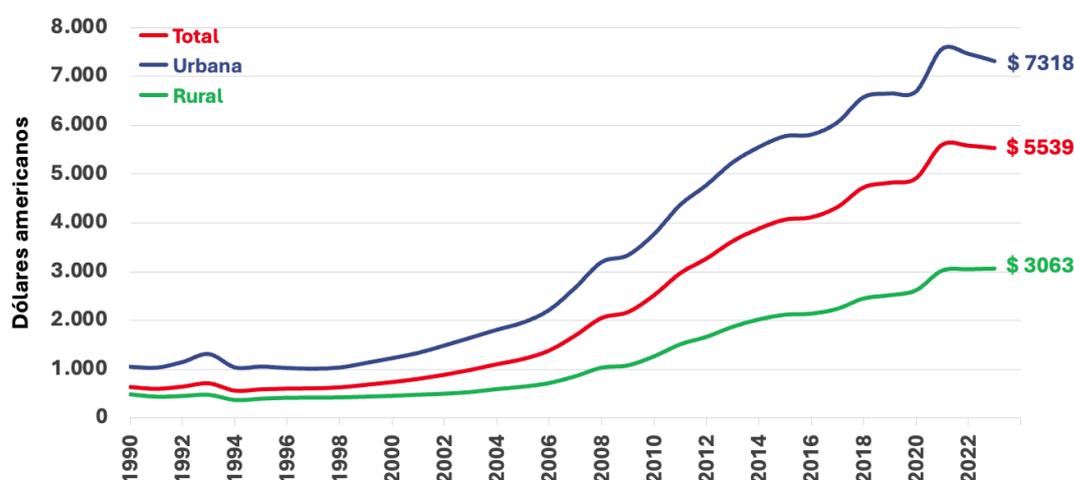
Porém, a China vive um dilema: atender o movimento de crescimento da demanda interna por alimentos, motivado pela grande população urbana em processo evolução de renda (Figuras 2 e 3), enquanto o aumento da produção local enfrenta limitações. Diante desse quadro, desde os anos 2000, o país flexibilizou sua política de autossuficiência para alguns alimentos e passou a possibilitar maiores níveis a importação para alguns produtos -- em especial, importação de soja.

Figura 2. Evolução da população e da taxa de urbanização na China (em bilhões de habitantes e em percentual)



Fonte: Banco Mundial (2024) e China National Bureau of Statistics (2024)

Figura 3. Evolução da renda real per capita na China (em dólares de 2023)



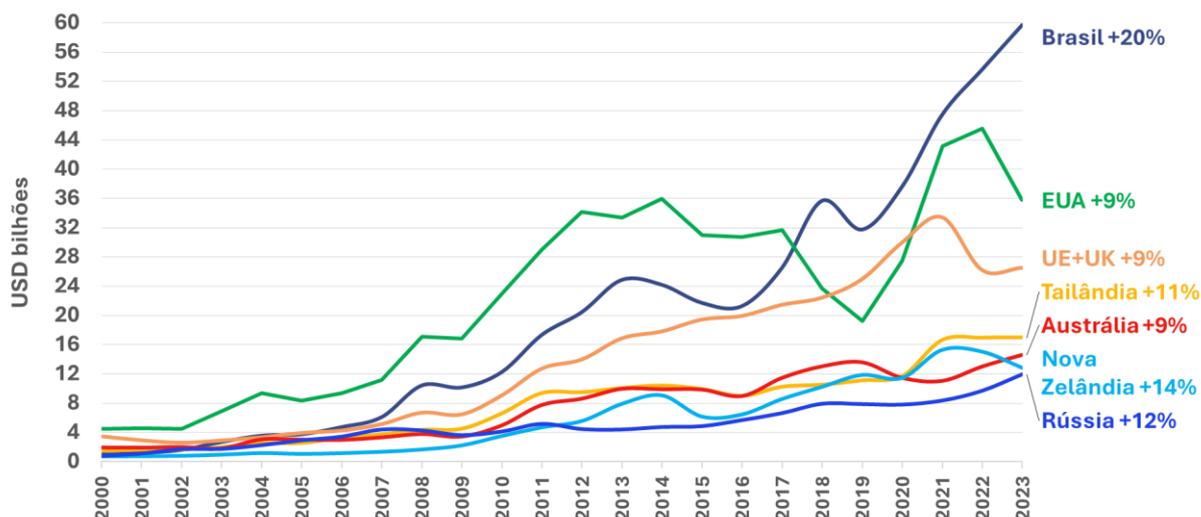
Fonte: Banco Mundial (2024), China National Bureau of Statistics (2024) e Federal Reserve (2024)

Para a China, importar produtos alimentares é uma forma de poupar recursos (terra e água, em especial). Para produzir o montante de soja importado pela China em 2023, por exemplo, calcula-se que seriam necessários 42 milhões de hectares adicionais de terra, cerca de um terço da área cultivada no país, além de 180 trilhões de litros d'água, considerando o atual nível de produtividade média da China na cultura, de acordo com os dados da FAOSTAT (2024). Nesse sentido, a importação de soja brasileira por parte da China surge como uma alternativa importante e benéfica, tanto para a China quanto para o Brasil.

Produção agropecuária brasileira tem papel estratégico para a China

A participação do Brasil como fornecedor agropecuário para a China é crescente desde os anos 2000, tendo sido impulsionada quando as relações entre a China e os Estados Unidos se tornaram mais delicadas por conta das tensões de uma guerra comercial entre os países. Até 2017, os Estados Unidos eram os maiores fornecedores de produtos agropecuários da China (Figura 4). Após 2017, o Brasil passou para a liderança e fechou 2023 com um valor exportado de US\$ 60 bilhões desses produtos, ante US\$ 36 bilhões dos Estados Unidos, seguido pela União Europeia e Reino Unido, que exportaram US\$ 27 bilhões, em valores correntes, de acordo com os dados do UN Comtrade (2023) e TDM (2024).

Figura 4. China + HK: maiores fornecedores de produtos do agronegócio (em US\$ bilhões e crescimento médio anual* entre 2000 e 2023)



Fonte: Insper Agro Global com base em Comtrade (2023). *Nota: Taxa de crescimento anual composta (CAGR)

Atualmente, a China é o principal mercado de destino não só da soja brasileira como também de uma gama de produtos agropecuários produzidos no país, como carnes, açúcar e algodão (**Tabela 1**). Da mesma forma, o Brasil é o principal fornecedor de produtos agropecuários para o gigante asiático em diversos produtos. Com isso, temos uma **relação de dependência mútua entre os países**, que cresce em termos de comércio na área alimentar de maneira pragmática, dado que não existe nenhum acordo comercial formal entre os países.

Tabela 1. Dependência mútua da China e do Brasil em produtos agropecuários (valores de importação e exportação, em US\$, em 2000 e 2023).

Produto	Exports Brasil → China+HK (USD milhões)		Crescimento (CAGR) % ao ano	Posição no ranking e % no total comercializado	
	2000	2023		Exports Brasil para China+HK***	Imports China+HK do Brasil
Complexo Soja	371	39.651	22%	1º (74%)	1º (68%)
Carne Bovina	42	6.081	24%	1º (55%)	1º (40%)
Milho	0,5*	4.275	55%**	1º (32%)	1º (45%)
Celulose	106	3.963	17%	1º (38%)	1º (20%)
Açúcar	0,1	1.910	56%	1º (12%)	1º (55%)
Carne de frango	75	1.707	15%	1º (18%)	1º (40%)
Algodão	1,4	1.513	36%	1º (47%)	2º (28%)
Carne suína	61	1.215	14%	1º (44%)	2º (19%)
Total	919	63.050	20%	1º (38%)	1º (18%)

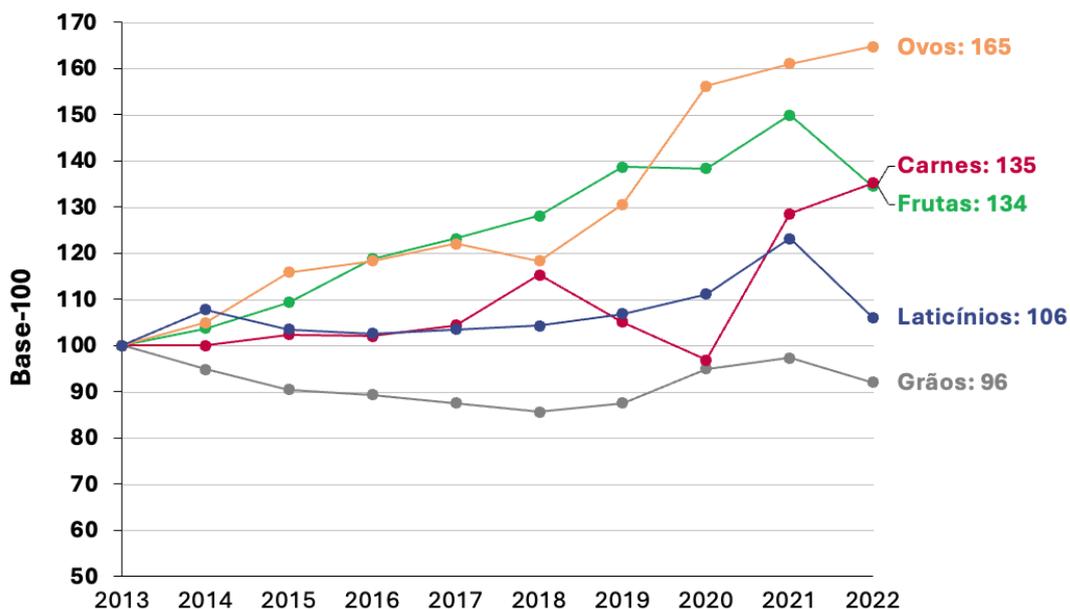
Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da SECEX (2024), UN Comtrade (2024) e TDM (2024). Nota: usada a definição de agronegócio do MAPA. Notas: * Número equivalente ao ano de 2002 ** CAGR abrange o período de 2002 à 2023 *** Posição da China + Hong Kong como países destino nas exportações brasileiras e participação (%) em 2023

Importações de soja são geralmente destinadas à alimentação animal

O principal produto agropecuário exportado do Brasil para a China é soja, destinada principalmente para a produção de óleos vegetais e farelo para a alimentação animal. Na dieta alimentar chinesa, tem papel relevante o consumo de grãos, carne (em especial, a suína) e ovos (Figura 5). Nos últimos anos, com a urbanização e o aumento da renda per capita, a população tem elevado o consumo de carnes e reduzido a de grãos: de acordo com os dados da FAOSTAT, entre 2010 e 2020, o consumo diário per capita médio de calorias entre a população chinesa passou de 3.098 kcal para 3.337 kcal, e o consumo diário per capita de proteína cresceu de 95,29 g para 106,53 g no mesmo período.

Para os próximos anos, a demanda chinesa por soja deve continuar a crescer – embora de forma mais lenta devido à esperada desaceleração no crescimento da renda da China – motivada pelo aumento na demanda por carnes, em especial a suína. Este processo é resultado, entre outros aspectos, do aumento da renda e consequente elevação do poder de compra da população chinesa.

Figura 5. Evolução do consumo per capita de alimentos na China (Índice base 100 = 2013)

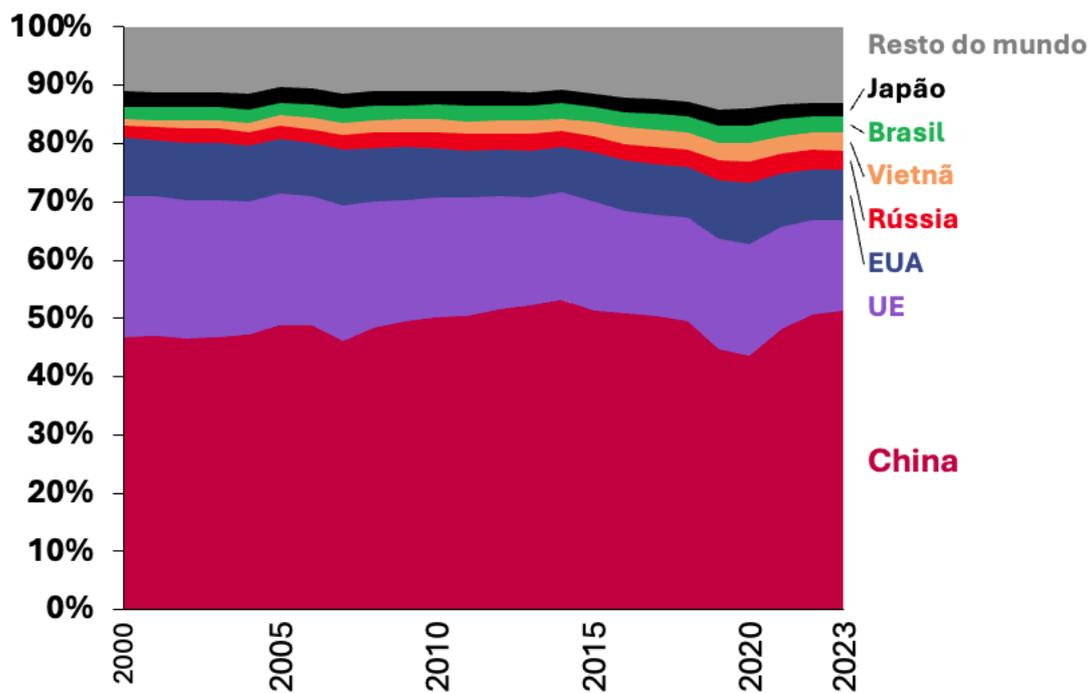


Fonte: China National Bureau of Statistics (2024)

No entanto, de acordo com os dados do USDA, o consumo de carne na China ainda tem um nível baixo quando comparado a outros países como EUA, Brasil e Argentina, o que pode indicar ainda um grande potencial de crescimento de demanda deste mercado nos próximos anos. Dentre essas três proteínas animais, a proteína suína é, de longe, a mais consumida no mercado chinês: apenas em 2023, foram consumidas 58,7 milhões de toneladas, ante 14,5 milhões de toneladas de carne de

frango e 11,1 milhões de toneladas de carne bovina no mesmo período. Na alimentação desses animais, a soja é a base e o ingrediente fundamental da ração suína. Especialmente em 2019, porém, observou-se uma queda acentuada no consumo de carne suína na China (**Figura 6**).

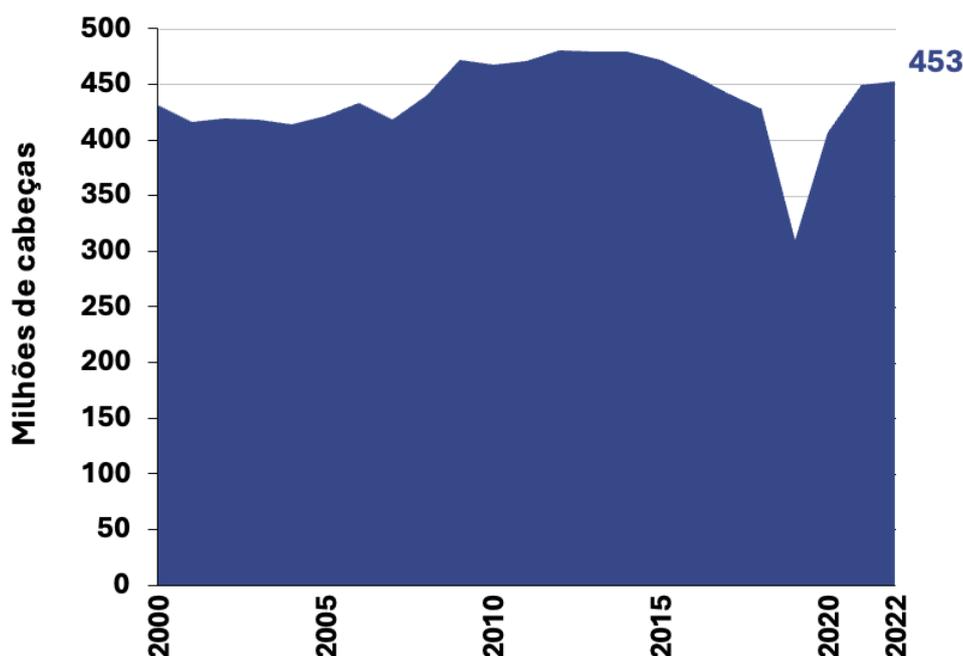
Figura 6. Evolução do consumo doméstico de carnes suínas por país (percentual de representatividade no consumo mundial)



Fonte: USDA (2024)

Essa queda no consumo foi devido à Peste Suína Africana (PSA), que afetou fortemente o rebanho suíno daquele país, que caiu de 428 milhões de animais em 2018 para 310 milhões no ano seguinte, segundo os dados do USDA (**Figura 7**). Depois desse evento, o governo chinês atuou para fomentar a verticalização da produção e incentivou que a cadeia de produção de carne suína passasse de pequenos para grandes produtores. Muitos investimentos foram feitos por esses grandes produtores, de forma que o rebanho suíno se recuperou rapidamente: em 2020, o número de cabeças de animais foi de 406 milhões, e em 2021 o rebanho suíno chinês já era maior que o pré-PSA, totalizando 449 milhões de animais (**Figura 7**).

Figura 7. População de suínos na China (milhões de cabeças)



Fonte: USDA

Recentemente, porém, esse grande volume de investimentos e o crescimento acelerado do rebanho gerou um excesso de oferta de carne suína no mercado doméstico chinês, levando a uma queda nos preços domésticos da proteína animal e a uma redução da margem do produtor. No final de 2023, por exemplo, o governo chinês anunciou que compraria 10 mil toneladas de carne de porco congelada para as reservas de estado – depois de duas intervenções no tipo ainda em 2023. Essas intervenções governamentais têm ajudado a segurar a tendência de baixa nos preços da carne suína e das margens dos produtores do segmento. Recentemente, o MARA revisitou o “*Plano de Implementação da Regulamentação da Capacidade de Produção Suína*”: diminuiu a meta nacional de número de porcas reprodutoras, de 41 milhões de cabeças para 39 milhões.

De todo modo, essa situação de excesso de oferta tem impactado o mercado de soja, quem tem tido queda de preços – a redução das margens do produtor de suínos chinês leva a uma demanda por insumos a um menor custo, o que impacta o preço da soja no mercado internacional.

Perspectivas para a demanda chinesa por soja

Para os próximos anos, a demanda chinesa por soja deve continuar a crescer, embora de forma mais lenta devido à esperada desaceleração no crescimento da renda da China, conforme análises de tendência globais. Órgãos oficiais chineses sugerem até uma diminuição da importação da commodity nos próximos anos.

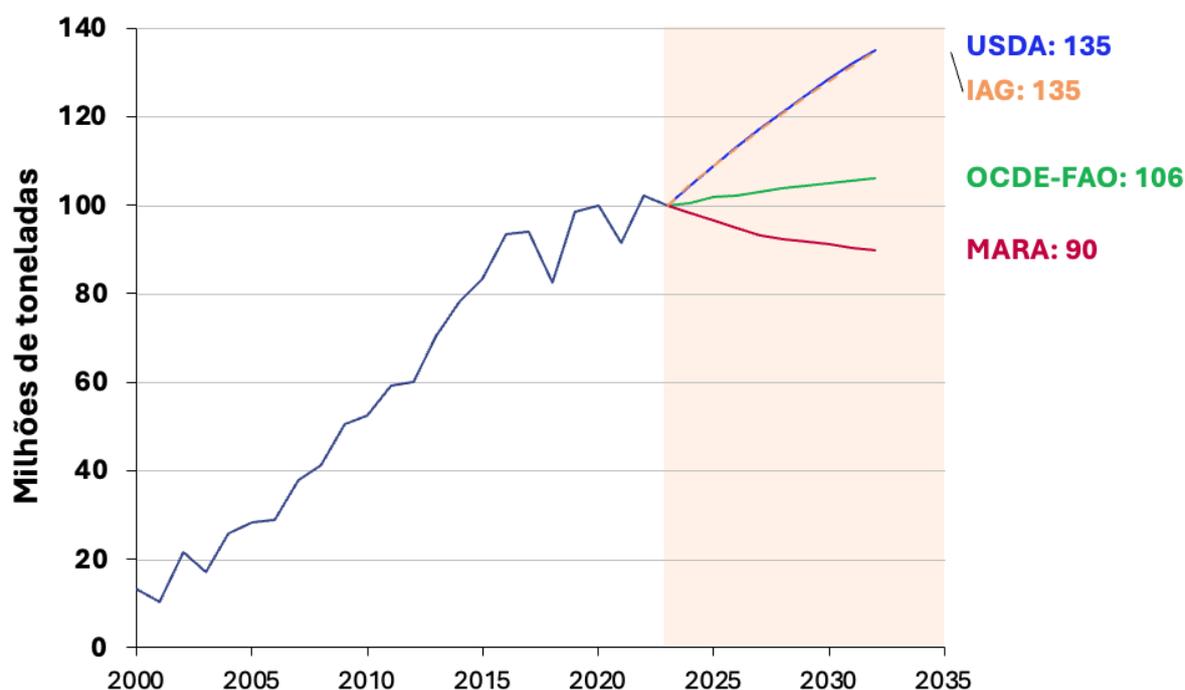
No último *China Agricultural Outlook*, relatório publicado pelo anualmente pelo Ministério Chinês de Assuntos Agrícolas e Rurais (MARA) que analisa as tendências anuais de produção agrícola e de consumo doméstico e apresenta projeções sobre a evolução da oferta agrícola, da demanda, dos preços e dos fluxos comerciais para os principais produtos agrícolas, estima-se uma demanda por importação de soja de 90 milhões de toneladas em 2032, o que corresponde a uma redução acumulada de 10,2% no volume importado em relação ao valor de 2023³ (**Figura 7**). Estes valores projetados pelo MARA são abaixo até mesmo do valor importado em 2023, que foi de 100 milhões de toneladas, de acordo com os dados do Departamento de Agricultura Americano (USDA).

Para o mesmo horizonte de projeção, 2032, a OCDE-FAO estima que a China terá uma demanda por importação de soja da ordem 106 milhões de toneladas, correspondendo a um crescimento acumulado de 6,0% no período. Outro órgão que costuma essa projeção é o USDA, que estimou esse número na ordem de 135 milhões de toneladas, um crescimento acumulado de 35,0% no período entre 2023 e 2032 (**Figura 8**).

O Insper Agro Global também estimou esse número, utilizando um modelo que tem como base a elasticidade-renda para o produto e o crescimento projetado para o PIB chinês nos anos a frente (para detalhamento metodológico, ver box destacado ao final do texto). Levando em conta a tendência de exaustão do modelo atual de crescimento e uma desaceleração do PIB chinês, indica que as importações chinesas de soja podem atingir 135 milhões em 2032 – um número bastante próximo às estimativas do USDA – com um crescimento acumulado de 34,6% no período entre 2023 e 2032.

³ *Para fins de harmonização das séries do USDA, OCDE/FAO e MARA – uma vez que até mesmo os valores realizados para o ano de 2023 divergem entre as fontes – mantivemos como base os valores para volume importado reportados pelo USDA e reconstruímos as séries das duas outras instituições mantendo a taxa de crescimento projetada para ambas. Por exemplo: para o ano de 2023, o MARA reportou que o volume importado de soja foi de 100 milhões de toneladas e projetou que o ano de 2032 deve contemplar uma importação de 84 milhões de toneladas da commodity, significando uma queda de -10,2% no montante importado entre os anos de 2023 e 2032. Utilizando o valor registrado pelo USDA de importação de soja pela China, em 2023, 93 milhões de toneladas, e utilizando a taxa projetada pelo MARA de crescimento das importações no período 2023-2032 (-10,2%), obtemos que o valor harmonizado para 2032 da projeção do MARA é de 90 milhões de toneladas. O mesmo procedimento é realizado para todas as séries apresentadas.

Figura 8. Demanda chinesa por importação de soja (milhões de toneladas)*



Fonte: USDA, OCDE/FAO, Ministério da Agricultura da China, Insper Agro Global (2024). *Nota: séries com valores ajustados (ver nota de rodapé número 3).

Mesmo que as taxas de crescimento da demanda chinesa por importação soja na próxima década não se dê na mesma velocidade da década passada, a grande população urbana em processo de crescimento de renda e mudança de hábitos de consumo alimentar daquele país tende a forçar a China a recorrer a seus parceiros comerciais a fim de suprir a demanda por uma série de produtos agropecuários, frente às dificuldades em se produzir internamente. Nesse sentido, surgem **oportunidades para o Brasil aprofundar e expandir suas relações comerciais com o gigante asiático**, principalmente em produtos de maior valor como carnes, que vêm sendo impulsionados pela evolução de renda per capita e mudança dos padrões de consumo da população local.

Demais brasileiros que podem ser beneficiados no comércio com a China

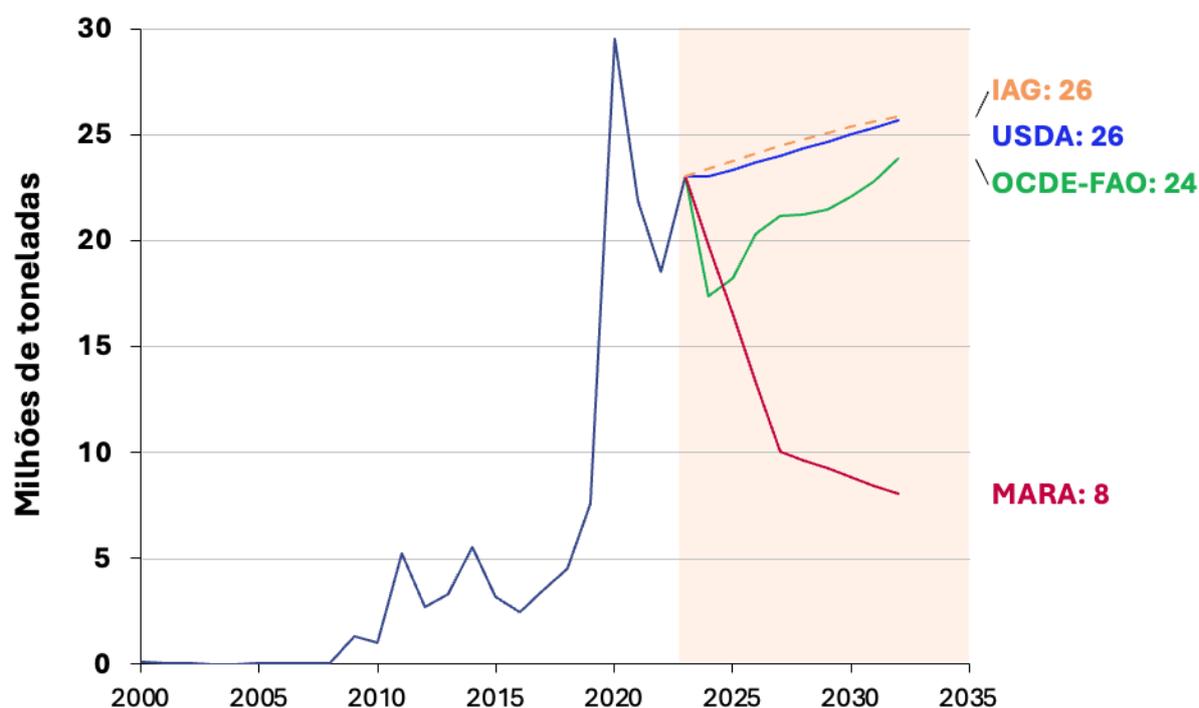
Na esteira do cultivo da soja, os cultivos de segunda safra tendem a ser beneficiados pela demanda chinesa: **milho e algodão** são produtos que têm crescido continuamente em embarques para a China na medida que a atividade econômica, a população e a demanda por alimentos daquele país crescem.

Milho: nota-se que houve um crescimento acelerado das importações de milho, com um boom de importações em 2020, quando as importações totalizaram 29,5 milhões de toneladas, ante as 7,6 milhões de toneladas importadas no ano anterior.

Esse “boom” pode ser explicado pela necessidade de insumos para rápida recuperação da população suína do país no pós-PSA.

As estimativas do USDA apontam que, após a alta de 2020, haverá crescimento das importações chinesas da commodity, com o volume crescendo das atuais 23 milhões de toneladas importadas em 2023 para 26 milhões de toneladas em 2032 (11,6% de crescimento no período). Outro órgão que faz projeção para essa variável que a FAO/OCDE, que estima um valor menor: 24 milhões de toneladas serão importadas em 2032 (3,9% de crescimento no período entre 2023 e 2032). Utilizando o mesmo modelo adotado para a projeção da soja, o Insper Agro Global estima importações de 26 milhões de toneladas de milho pela China em 2032, o que corresponde a uma taxa de crescimento acumulada de 12,4% no período entre 2023 e 2032. (Figura 9).

Figura 9. Demanda chinesa por importação de milho (milhões de toneladas)*



Fonte: USDA, OCDE/FAO, Ministério da Agricultura da China, Insper Agro Global (2024) *Nota: séries com valores ajustados (ver nota de rodapé numero 3).

Analisando as estimativas oficiais do governo Chinês, publicadas pelo MARA com foco nos próximos dois quinquênios, observamos a mesma tendência vista para soja: queda no volume das importações. De acordo com as estimativas oficiais, espera-se um volume importado de 8 milhões de toneladas para 2032. Este valor é muito aquém dos valores projetados mencionados anteriormente, e deve ser lido com cautela: muito mais do que uma estimativa do que o governo chinês espera que

aconteça nesse mercado, essas projeções funcionam como uma *meta* que o governo tem para esse mercado, em linha com os demais parâmetros da Política de Autossuficiência Alimentar da China.

Recentemente, também, houve crescimento na exportação de **carnes**: a China é o principal destino das exportações brasileiras de carne bovina, suína e de frango, destacando-se como maior parceiro comercial para proteína animal (Tabela 1). A perspectiva para o segmento é positiva: em março de 2024 o governo chinês concedeu novas habilitações de exportação a 38 frigorífico brasileiros, incluindo 8 abatedouros de frango, 24 abatedouros de bovinos, 1 estabelecimento bovino de processamento e 5 entrepostos – número de emissões de habilitações em um único anúncio é o maior já registrado na história do setor, de acordo com o MAPA.

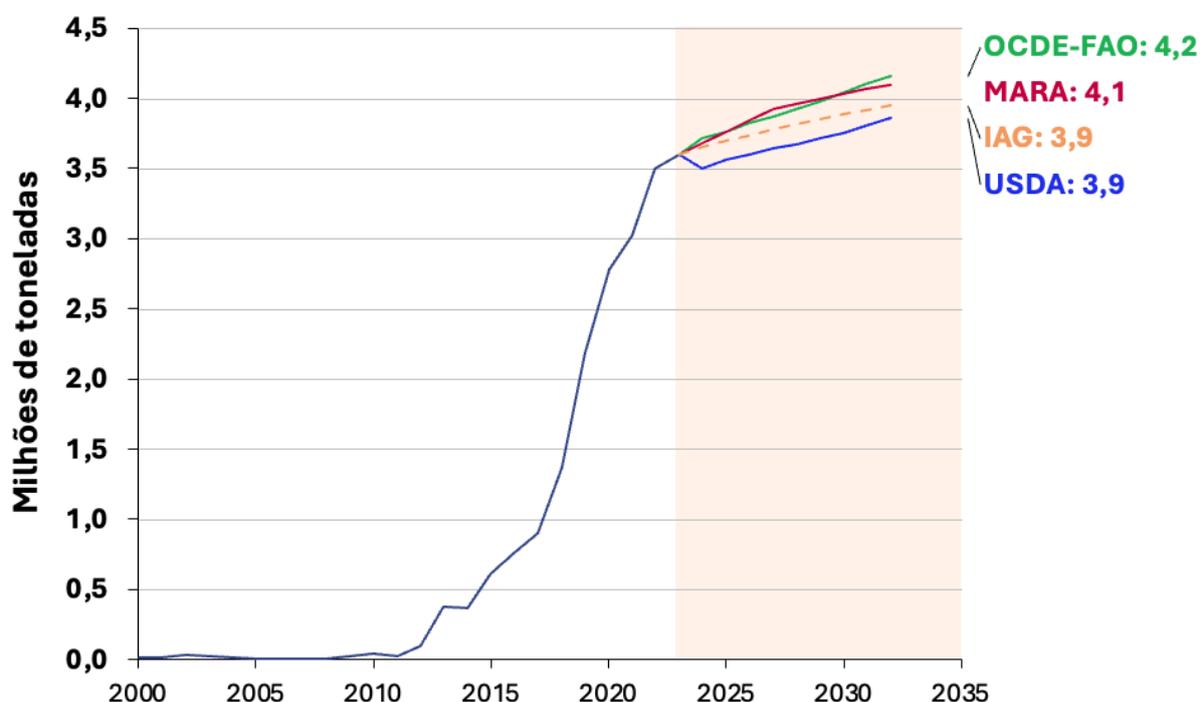
Carne bovina: nota-se que houve um crescimento das importações de carne bovina no período que ocorreu a PSA (**Figura 10**), quando as importações saíram de 0,9 milhões de toneladas em 2018 para 1,4 milhões de toneladas em 2019 (crescimento anual de 52%) e 2,2 milhões de toneladas importadas em 2020 (59% de crescimento anual).

As estimativas do USDA apontam que a tendência de crescimento das importações chinesas de carne bovina deve ser mantida, mas em ritmo lento: com o volume crescendo das atuais 3,6 milhões de toneladas importadas em 2023 para 3,9 milhões de toneladas em 2032 (crescimento acumulado de 7,1% no período). Outro órgão que faz projeção para essa variável que a FAO/OCDE, que estima um valor próximo: 4,2 milhões de toneladas serão importadas 2032, representando um crescimento acumulado de 15,6% no período.

Utilizando o mesmo modelo adotado para a projeção da soja, com as mesmas premissas de crescimento da atividade econômica chinesa e baseado na elasticidade-renda dos anos anteriores, estimamos importações de 3,9 de toneladas para 2032 (crescimento acumulado de 9,6% no período 2023-2032).

Curiosamente, diferente das estimativas de soja e milho, as estimativas oficiais do governo chinês, estão em linha com as estimativas dos órgãos externos mencionados anteriormente. De acordo com o MARA, espera-se um volume importado 4,1 milhões de toneladas para 2032 (crescimento acumulado de 13,8% no período 2023-2032).

Figura 10. Demanda chinesa por importação de carne bovina (milhões de toneladas)*



Fonte: USDA, OCDE/FAO, Ministério da Agricultura da China, Insper Agro Global (2024) *Nota: séries com valores ajustados (ver nota de rodapé numero 3).

Carne de frango: as importações de carne de frango pela China seguiram inicialmente a tendência das importações de carne bovina, mas depois desaceleraram: crescimento elevado durante a PSA, com importações saltando de 0,34 milhões de toneladas em 2018 para 0,60 milhões de toneladas em 2019 (crescimento de 73% no ano contra ano) e 1,03 milhão em 2020 (crescimento de 72% no ano contra ano). Depois houve uma reversão desse ciclo, com as importações diminuindo e em 2023 atingindo o patamar de 0,81 milhões de toneladas (**Figura 11**).

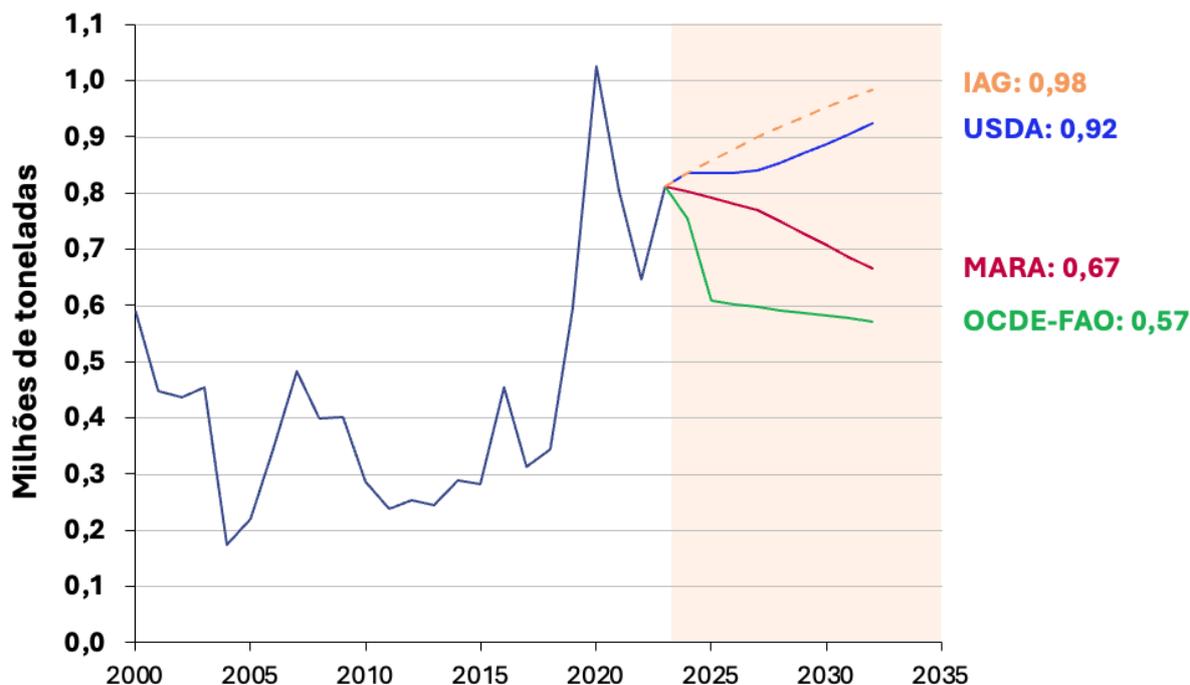
As estimativas do USDA apontam que haverá um crescimento tímido das importações chinesas de carne bovina: 0,92 milhões de toneladas em 2032 (crescimento acumulado de 13,8% no período). Outro órgão que faz projeção para essa variável que a FAO/OCDE, que estima um valor menor e com ligeira tendência de queda no período: 0,57 milhões de toneladas serão importadas em 2032, representando uma queda de 29,7% no volume importado entre 2023 e 2032.

Utilizando o mesmo modelo adotado para a projeção da soja, com as mesmas premissas de crescimento da atividade econômica chinesa e baseado na elasticidade-renda dos anos anteriores, estimamos importações de 0,98 milhões de toneladas para 2032 (crescimento de 21,2% no período entre 2023 e 2032).

Analisando as estimativas oficiais do governo Chinês, publicadas pelo MARA com foco nos próximos dois quinquênios, observamos a mesma tendência de queda

no volume das importações. De acordo com as estimativas/metodologias oficiais, espera-se um volume importado diminuir para 0,67 milhões de toneladas em 2032 (redução de 18% no volume importado ante 2023).

Figura 11. Demanda chinesa por importação de carne frango (milhões de toneladas)*



Fonte: USDA, OCDE/FAO, Ministério da Agricultura da China, Insper Agro Global (2024) *Nota: séries com valores ajustados (ver nota de rodapé número 3).

Carne suína: por fim, a proteína animal mais consumida pela população chinesa. As importações de carne suína tiveram a mesma trajetória que a de carne de frango: saltaram durante o FSA e logo após recuaram, atingindo em 2023 um patamar próximo do pré-PSA: 2,28 milhões de toneladas em 2023 (ante 2,45 milhões de toneladas em 2019 e 1,46 milhões de toneladas em 2018). (**Figura 12**)

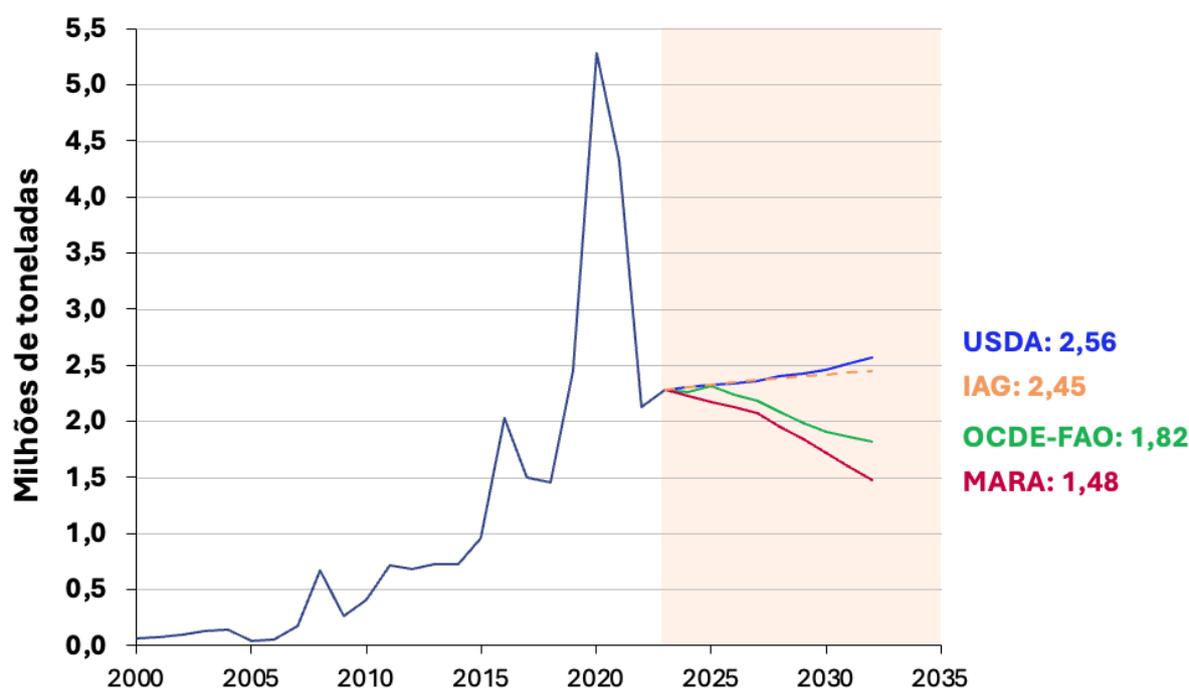
Para a próxima década, as estimativas do USDA apontam que haverá um crescimento tímido das importações chinesas de carne suína: 2,56 milhões de toneladas em 2032 (12,7% de crescimento acumulado entre 2023 e 2032). Outro órgão que faz projeção para essa variável que a FAO/OCDE, que estima valores menores e uma trajetória descendente das importações: 1,82 milhões de toneladas serão importadas em 2032, uma queda de 20,2% ante o volume importado em 2023.

Utilizando o mesmo modelo adotado para a projeção da soja, com as mesmas premissas de crescimento da atividade econômica chinesa e baseado na elasticidade-renda dos anos anteriores, o Insper Agro Global estima importações de 2,45 milhões

de toneladas de carne suína para 2032, um crescimento de 7,5% ante o volume importado em 2023.

Analisando as estimativas oficiais do governo Chinês, publicadas pelo MARA com foco nos próximos dois quinquênios, observamos uma tendência de redução nas importações dessa proteína animal. De acordo com as estimativas oficiais, espera-se um volume importado de 1,48 milhões de toneladas para os anos de 2032, o que representa uma queda acumulada de 35% ante o volume importado em 2023.

Figura 12. Demanda chinesa por importação de carne suína (milhões de toneladas)*



Fonte: USDA, OCDE/FAO, Ministério da Agricultura da China, Insper Agro Global (2024) *Nota: séries com valores ajustados (ver nota de rodapé numero 3).

Brasil continuará desempenhando papel estratégico para a China

Com uma população total que hoje corresponde a cerca de 20% do total da população mundial, mas concentrando apenas 8% das terras aráveis e 5% da água do planeta, pode-se considerar que a Política de Autossuficiência Alimentar chinesa tem sido efetiva em manter a segurança alimentar naquele país. Para a China, importar produtos alimentares é uma forma de poupar recursos (terra e água, em especial).

Estrategicamente, no entanto, são eleitos pelo poder central chinês os produtos que o país será autossuficiente na produção e outros que o país importará, de acordo com o interesse estratégico do país. Dentre os produtos que têm prioridade na autossuficiência de produção temos as carnes de frango e de porco e os grãos trigo e

arroz. Já dentre os alimentos que o país flexibilizou a regra de autossuficiência e tem permitido a dependência externa e um maior volume de importações estão a soja e o açúcar.

Mas a China ainda terá que atender o movimento de crescimento da demanda interna por alimentos, motivado pela grande população urbana em processo evolução de renda, enquanto o aumento da produção local enfrenta limitações. Importar produtos alimentares é uma forma de poupar recursos e, nesse sentido, a importação de produtos alimentares brasileiros por parte da China surge como uma alternativa importante e benéfica, para ambos os países.

A participação do Brasil como fornecedor agropecuário para a China ainda é crescente. Após 2017, o Brasil passou para a liderança e fechou 2023 com um valor exportado de US\$ 60 bilhões em produtos do agronegócio.

Para os próximos 10 anos, embora o país passe por um processo de desaceleração no crescimento do PIB, o crescimento da população, da renda e da urbanização devem continuar puxando a demanda por commodities alimentares. Seguindo a Política de Autossuficiência Alimentar e a estratégia comercial chinesa, o Brasil continuará tendo relevância estratégica para a segurança alimentar do gigante asiático.

Box 1: Modelo de Projeção de Demanda

Para estimar a demanda futura chinesa por importação de commodities, utilizamos o modelo de elasticidade-renda, que utiliza duas premissas:

- A elasticidade-renda do país à um produto específico: é a sensibilidade da demanda por importação do produto com relação ao crescimento do PIB daquele país) e foi estimada baseada em dados passados. Em termos conceituais, é a variação percentual da demanda de um produto devido à variação percentual da renda.
- A projeção de crescimento do país: levando em conta a exaustão do modelo atual de crescimento e uma desaceleração do PIB chinês dos atuais 5,20% a.a. em 2023 uma convergência linear para um crescimento de longo prazo ao redor dos 2,5% a.a. em 2032 – algo que é previsto pelo mercado e órgãos internacionais

Publicação: 27 de junho de 2024

Expediente

INSPER – Centro de Agronegócio Global

Coordenação Geral

Marcos Sawaya Jank

Pesquisadores

Camila Dias de Sá

Cinthia Cabral da Costa (Embrapa Instrumentação)

Victor Martins Cardoso

Sofia de Souza Sampaio Moreira Piegas

Paulo Henrique Carrer Ribeiro

Leandro Gilio*

Marcos Abdalla Campos

Pâmela Borges

Lorena Liz Giusti e Santos

Apoiadores institucionais



Contato

*leandrog3@insper.edu.br